

CELEIRO FÉRTIL

O impacto da ascensão de jovens produtores da região nos últimos dois anos

POR *Salomão Augusto*

Pedro (22), Lukas (24) e Alok (26). Estes três nomes estão em destaque já há alguns anos por meio de carreiras bem-sucedidas dentro do mainstream da música eletrônica nacional. A trinca é representada respectivamente por Illusionize, Vintage Culture e Alok — conhecida recentemente por encabeçar um movimento de nome Brazilian Bass. Mas o que eles têm em comum além do gênero musical e o fato de estarem abaixo dos 30 anos? O sotaque!

Pedro Mendes e Alok Petrillo nasceram em Goiânia. Já Lukas Rutz é de Mato Grosso do Sul, de uma cidade chamada Mundo Novo, com cerca de 20 mil habitantes. “Os três mosqueteiros da região Centro-Oeste” arrastam multidões por onde se apresentam, seja em eventos nacionais ou internacionais, e essa representatividade é notada pelas agendas cheias e programações bem planejadas. Mas no que isso influi no cenário de onde vieram?

Um levantamento feito acerca das escolas e dos Institutos de ensino da região (Goiânia/Brasília) indica que a crescente procura no campo da produção de música eletrônica só evolui, desde 2015. O consumo e comportamento dessa nova leva de artistas têm provocado grandes alterações no mercado como um todo. E um dos principais indicadores de mudança é como eles tratam o próprio dinheiro (ou a falta dele). São consumidores de novas tecnologias, onde tudo tem que estar conectado e no alcance dos dedos. Aquela visão orgânica e metódica já não existe mais. Mas será que isso é algo que veio como característica positiva de novos tempos?

DIVIDINDO OPINIÕES

“Classifico como algo natural e positivo para a música eletrônica no Brasil. Reconhecemos o que gigantes como Marky, Mau Mau, Patife, e outros fizeram; no entanto, esta massificação atual tem ocorrido pelo grande destaque e influência exercida por jovens produtores. A situação é diretamente refletida nas dezenas de alunos ingressantes todos os meses nos cursos de produção e discotecagem que se declaram influenciados pelo trabalho destes três artistas, que por coincidência ou não, são aqui do Centro-Oeste. Acredito que todo esse movimento de crescimento esteja apenas no início, e muita gente boa com certeza ainda aparecerá para nos surpreender.” — Victor Jesus, sócio fundador da escola Music Lab, em Goiânia.

“O que era para ser algo extremamente positivo, tirando o monopólio dos grandes DJs e gerando mais diversidade musical, acaba virando mais do mesmo, pois o que alcança a mídia, fama e sucesso são as réplicas dos mesmos estilos. Produção musical é um pedaço difícil de um caminho mais duro ainda que é uma carreira, e me encabula o artista trilhar esse caminho copiando os demais. Você ouve várias músicas e se não for pelo vocal, acha que todas foram feitas pela mesma pessoa tamanha a pouca criatividade. Falta gente que arrisque, que sacuda a cena e vire ela de ponta cabeça sem medo do que vão pensar. Falta atitude!” — David Santillo, DJ produtor goiano e sócio fundador da COOLLAB.

Foi-lhes perguntada a mesma coisa: “O que você acha a respeito da grande ascensão de produtores e adeptos à cabine nos últimos dois anos no Centro-Oeste?” A visão antagônica não foi proposital. A grande massa de produtores que surgiram neste período não difere muito da fórmula usada pelos três, em se tratando de aderentes à house music e suas variantes.

O novo comportamento constrange, mas educa quem está construindo o caminho já a algum tempo. Porém, há de se considerar uma grande relevância na parcela principal de destaque dessa safra, sendo um vetor motivacional para quem está começando, que é a dedicação, e saber o que está fazendo. E os três têm cada dia mais demonstrado que é possível ser relevante onde nasceu e colocar o nome do seu país no hall da música eletrônica. ■



House Mag